



TEXTO DIGITAL

Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes

Este hipertexto eletrônico: a leitura e suas “condições de contorno” a partir de *Leitura de nós*, de Alckmar Luiz dos Santos

*This electronic hypertext: reading and its “boundary conditions” from *Leitura de nós*, by Alckmar Luiz dos Santos*

Rogério Barbosa da Silva^a

^a Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil - rogeriobsilvacefet@gmail.com

Palavras-chave:

Leitura.
Ciberliteratura.
Criação Digital.
Alckmar Luiz dos Santos .

Keywords:

Reading.
Cyberliterature.
Digital Creation.
Alckmar Luiz dos Santos.

Resumo: Neste artigo, procura-se discutir a transformação da leitura no processo de convergência entre as formas da literatura impressa e digital. O *corpus* do trabalho é o estudo crítico do livro *Leitura de nós*, de Alckmar Luiz dos Santos, e contraexemplos de suas criações digitais. O objetivo é compreender os problemas que envolvem a leitura do livro hipertextual ou telemático, bem como outras formas do livro digital, frente à tradição impressa. Isso nos leva a pensar nos protocolos de leitura que aprendemos da tradição impressa e a buscar quais seriam as restrições ou as reversibilidades advindas para o campo literário em meio eletrônico. Para isso, recorreremos à reflexão de Robert Scholes e Umberto Eco, respectivamente em *Protocolos de leitura* e *Seis passeios pelos bosques da ficção*.

Abstract: This paper discusses the changes in reading in the process of convergence between the forms of print and digital literature. The corpus of work is the critical study of Alckmar Luiz dos Santos's *Leitura de nós* and counterexamples of his digital creations. The goal is to understand the problems surrounding the reading of the hypertextual or telematic book, as well as other forms of the digital book, facing the printed tradition. This leads us to think about the reading protocols we have learned from the printed tradition and to look for the restrictions or reversibilities that would arise for the electronic literary field. For this, we resort to the reflection of Robert Scholes and Umberto Eco, respectively in *Protocols of Reading* and *Six Walks in the Fictional Woods*.



“Mas numa história sempre há um leitor, e esse leitor é um ingrediente fundamental não só do processo de contar história, como também da própria história.” (ECO, 1994, p. 7)

Umberto Eco abre seu *Seis passeios pelos bosques da ficção* (ECO, 1994) assinalando o papel do leitor como elemento central tanto na constituição das narrativas, quanto no processo de sua difusão como cultura da escrita. Não se trata meramente de um elogio fortuito ao leitor como guardião dos segredos da narrativa, mas, de certa forma, de uma tentativa de compreender os engendramentos que instauram a atividade produtiva do leitor dentro da própria obra e entre obra ficcionais. Evidentemente toda história/toda narrativa se quer lida, mas a questão é saber o que acontece durante a leitura, como um texto captura o leitor em seu processo de escritura, como o leitor guia o texto, expandindo-o para o mundo e com ele ampliando seu conhecimento do mundo ao redor. A dificuldade provém do lugar ocupado pelo leitor empírico diante do texto, como diz Robert Scholes: “O leitor permanece sempre fora do texto. Ler significa em parte isso mesmo, ou seja, situar-se no exterior. O preço do ingresso é o labor da própria criação” (SCHOLES, 1991, p. 21). Nessa citação, há de fato uma confluência nos pressupostos desses dois autores, Scholes e Eco, acerca da leitura, ainda que suas abordagens derivem da posição de cada um diante dos textos que leem - por um lado, Scholes nesse lugar exterior do leitor de que fala, mas confrontando o seu espaço leitor; e, por outro, Eco tende a se observar enquanto leitor de textos alheios e enquanto autor implícito e empírico de seus próprios romances.

Adiante investigaremos, a partir da obra *Leitura de nós, ciberespaço e literatura*, a posição de Alckmar Luiz dos Santos, discutindo a ação do leitor do livro hipertextual e telemático, ambigualmente dentro e fora do jogo, uma vez que, neste tipo de literatura em meio eletrônico, o percurso do leitor é também uma investigação de sua imagem diante do texto.

Nesse sentido, enfatizemos a perspectiva deste artigo, que pretende discutir alguns protocolos de leitura exigidos pelo texto hipertextual eletrônico, revendo algumas posições já mais ou menos consolidadas pela leitura na tradição impressa, dando especial ênfase ao literário. Para pensar a leitura do texto eletrônico, e mesmo do digital ou do telemático, percorreremos as reflexões de Alckmar Luiz dos Santos no seu livro *Leitura de nós: Ciberespaço e literatura* (Itaú Cultural, 2003), confrontando alguns de seus exercícios criativos. Pode-se dizer que, nesta obra, o autor persegue a ideia de que as condições para a constituição de uma linguagem efetivamente artística do cibertexto dependem de se ultrapassar a compreensão dos

mecanismos da linguagem de programação, ou seja, dependem de como esse texto se deixa permear pela leitura como elemento central nas modificações da base material dos textos. Santos entende que a literatura em meio eletrônico “se investe e se reveste de uma materialidade a ser (re)construída incessantemente” e conclui que “é necessário mapear os processos de materialização dessa obra, discutir o que seria sua objetualidade” (SANTOS, 2003, p.118).

As questões postas em *Leitura de nós* compreendem uma fase em que já havia uma transformação considerável da internet, mas em que as redes sociais apenas entremostravam o seu potencial de aliciamento dos usuários. No entanto, ali já se enunciavam comportamentos de leitura e de usos que tornam claro um deslocamento do leitor de seu lugar habitual frente aos textos. Assim, já se exigia um exercício de rigor que evidenciasse as “condições de contorno” (no sentido matemático do termo usado por Santos, que entende a necessidade de analisar o conjunto de restrições, as quais permitirão compreender as constantes na relação impresso/digital) da leitura do texto eletrônico, digital ou telemático, segundo a natureza das novas textualidades. Como lembra o autor, a realização dessa tarefa nos aproxima de um verdadeiro trabalho de Sísifo, pois

[...] os diferentes paradigmas de leitura continuam confluindo e o que hoje poderíamos chamar de leitura eletrônica ainda se resolve, mesmo parcialmente, segundo hábitos e preceitos aprendidos e apreendidos com as práticas trazidas pelo meio impresso. (Santos, 2003, p. 35)

Os problemas são inúmeros. Poderíamos retrucar ao que há pouco afirmamos que a materialidade da literatura eletrônica se faz pela reconstrução contínua da obra. Também a leitura feita no meio impresso constitui um importante elemento ativador ou atualizador do texto, como chega a declarar Umberto Eco, tentando mapear esses gestos de leitura:

Toda vez que releio *Sylvie* [a obra de G. de Nerval], embora conheça o livro de modo tão anatômico - talvez *porque* o conheça tão bem -, apaixono-me por ele novamente, como se o estivesse lendo pela primeira vez. (ECO, 1994, p. 18, grifo do autor).

A obra se realiza na leitura. Mas e o que dizer do texto eletrônico, onde também a realização da obra é uma virtualidade, mas em que a obra surge somente quando o leitor interage com os links programáveis e a partir dos movimentos de navegação do leitor? Poder-se-ia alegar que um livro fechado é um livro não lido, assim como o caso do livro hipertextual ou telemático.

No entanto, há uma série de elementos formais imbricados nessas formas textuais que implicam algumas diferenças: a fisicalidade de um torna o folhear um gesto quase natural, enquanto o outro se apresenta como uma caixa-preta, exige do leitor ou interator um novo tipo de letramento, certa curiosidade inscrita no tato, uma readequação de hábitos e expectativas, entre tantas outras necessidades que antecedem a leitura imersiva.

E se a questão for levantar os problemas de pluralidade ou fragmentação, Santos mostra que a literatura sempre soube optar por esses caminhos, e mesmo as ideias de permanência e linearidade podem ser desconstruídas, lançando mão de inúmeros exemplos da literatura impressa ao longo da história. O autor de *Leitura de nós* ressalta que o texto literário “nunca saberia permanecer idêntico a si próprio, já que sua objetividade não se confunde com uma materialidade que na tradição impressa se assenta no livro” (SANTOS, 2003, p. 22).

Por outro lado, ao admitir que, no meio eletrônico, o livro se aproxima do texto, ao se deixar contaminar pela fluidez, pela imprevisibilidade e pela não-linearidade, podemos argumentar pelo contraexemplo de um certo número de livros experimentais ou livros de artistas na história do impresso (um deles o *Cent mille milliards de poèmes*, de Raymond Queneau, analisado a certa altura do texto de Santos). Mas efetivamente esse modo de reconfigurar o livro no espaço eletrônico e telemático se torna um campo expansivo de processos editoriais e de consumo que reeducam autores e leitores, dentro de um contexto de transição e convergência, como nos diz Jenkins, argumentando que a era da convergência trouxe embates consideráveis com as mídias corporativas em torno dos direitos autorais e com os meios educacionais, em que se sobressaiu a luta pelos direitos de ler e escrever, postulados especialmente por jovens leitores (JENKINS, 2009, p. 237). Jenkins mapeia, nesse caso, o surgimento da cultura de fãs, que desencadeia a expansão de materialidades do livro. Narra a história de Heather Lawver, uma adolescente que nunca foi à escola e que cria e se torna editora-chefe de um jornal escolar, *The Daily Prophet*, baseado na *web*, para a escola Hogwarts fictícia (JENKINS, 2009, p. 240): “Ela incentiva os membros da equipe a comparar atentamente os textos originais e as versões editadas, trocando ideias com eles sobre questões de estilo e gramática, quando necessários” (JENKINS, 2009, p. 240). Lawver aprende, com isso, a promover o letramento, a financiar o seu jornal e até, professoralmente, a formar leitores-escritores, ao informar os pais de seus colaboradores juvenis em carta aberta: “Ao criarmos este mundo de mentirinha, estamos aprendendo, criando e nos divertindo numa amigável sociedade utópica” (LAWVER Apud JENKINS, 2009, p. 243).

Mas não temos aqui o objetivo de analisar as *fanfics*. Importa-nos agora ressaltar que não apenas formalmente o livro código da cultura impressa se remodela no digital, ganhando um pouco essa conformação de um livro expandido, impulsionado também, em grande parte, pelo gesto da leitura. Aproveito a citação da adolescente do *Daily Prophet* sobre as mentirinhas criativas para inserir outra discussão relevante que deriva do poder de fabulação e da representação do mundo na leitura.

Sabemos que, a despeito da crença de muitos autores sobre a autonomia do leitor de hipertexto, a *web* e as redes sociais impõem dificuldades para o leitor discernir entre verdadeiro e falso, entre fato e ficção, o seu isolamento, entre tantas outras possibilidades. Mas, no caso, a garota Lawver entende que a Hogwarts fictícia abre espaço para que aquela comunidade de leitores em torno do jornal-escola não apenas lide com seus desenganos do mundo, mas que o recrie, com apoio da fantasia, em busca de uma sociedade utópica. Sua crença encontra ressonância nos jogos de enganos e na potência criativa das próprias tradições literárias. Umberto Eco nos lembra da reação de um leitor a respeito de seu ensaio “Pequenos mundos”, em *Os limites da interpretação*, no qual cita o romance *Os mistérios de Udolfo*, de Ann Radcliffe. O autor diz que os leitores ingleses do final do século XVIII pouco sabiam sobre o rio Garonne e a paisagem da Gasconha, mas podiam intuir isso com base no seu conhecimento de mundo real. Um senhor de Bordeaux escreve-lhe dizendo que nunca houve oliveiras na Gasconha ou na margem do rio, mas extrai conclusões que corroboram a tese do ensaísta. Eco então desvela uma série de protocolos implícitos no romance da escritora inglesa:

Assim, Ann Radcliffe não só pediu a colaboração dos leitores no tocante a sua competência, e não só lhes pediu que fingissem saber determinadas coisas a respeito do mundo real que eles não sabiam, como ainda os levou acreditar que o mundo real possuía certos atributos que na verdade não se incluem entre seus pertences (ECO, 1994, p. 102).

Em seguida, Eco lança a seguinte questão, considerando que, se não era intenção da autora enganar os leitores, ela estava errada, então se coloca o seguinte problema: “Em que medida podemos aceitar como verdadeiros aqueles aspectos do mundo real que o autor erroneamente assume como verdadeiros?” (ECO, 1994, p. 102).

A essa questão Eco não responde diretamente, mas, ao longo de seus ensaios/conferências, modula, a partir das estratégias de um autor-modelo e dos possíveis movimentos de um leitor-modelo em cada obra comentada, possíveis relações das obras ficcionais com o mundo real. Por exemplo, no ensaio-conferência “O estranho caso da Rue Servandoni”, considera que o leitor empírico, num exame de um mapa de Paris do século XVII, poderá eventualmente ficar comovido ao encontrar o provável endereço de Aramis entre a rue Cassette e a rue Servandoni (onde teria morado Roland Barthes), no romance *Os três mosqueteiros*. No entanto, a rue Canivet onde então se localizaria a casa de Aramis aparentemente não existia em 1625 e o arquiteto responsável pela fachada da igreja de Saint-Sulpice nasceu em 1695 e só deu nome à rua em 1806. Segundo Eco, o erro de Alexandre Dumas em relação à rue Servandoni não teria importância se a questão dissesse respeito unicamente ao autor empírico. Mas, aceitando o pacto ficcional, os leitores se põem agora diante de uma Paris de 1625 “inteiramente real e idêntica à Paris de 1625, com a exceção de uma rua que não podia existir naquela época” (ECO, 1994, p. 110). Eco constrói argumentos para discutir a ontologia das personagens de ficção, objetos e acontecimentos ficcionais, entendendo que o problema existe quando se propõe narrativas históricas, mas questiona: “não é absurdo perguntar o que significa dizer que '*p* é verdadeiro’, quando *p* é uma proposição que não se refere ao mundo real, e sim ao ficcional” (ECO, 1994, p. 110). O autor reconhece que o leitor-modelo de Dumas não estaria preparado para conhecer esse “irrelevante” detalhe que, em 1625, a rue Servandoni se chamava rue des Fossoyeurs, uma vez que isso exige muito conhecimento especializado. Eco levanta, além desses “erros” do autor empírico, também as paranoias de certos leitores empíricos, que erram também em quererem encontrar uma verdade que o texto não busca responder. Mostra que nem todos os textos constroem um leitor-modelo ou não o exigem, tal como os leitores de *Chapeuzinho vermelho* não precisam conhecer Giordano Bruno. Mas a questão central seria responder hoje: “qual é o formato da Enciclopédia que se deveria dar a uma máquina para que ela possa escrever (e entender) fábulas como as de Esopo?” (ECO, 1994, p. 116).

É certo que alguns protocolos se descobrem no exercício da leitura, embora a sua descoberta em si não seja satisfatória, como diz Scholes, lendo criticamente Derrida: “A leitura é transformativa... Mas a transformação não pode efectuar-se como quer que se deseje. Exige protocolos de leitura” (DERRIDA *apud* SCHOLES, 1991, p. 91-92). Se à leitura deve-se aplicar “regras de transformação interpretativa”, concordantes estão Scholes e Derrida, ambos, no entanto, a refutam, pois Derrida declara, sem rodeios, nunca haver encontrado um

protocolo que o satisfizesse. Em seu *Protocolos de leitura*, Scholes busca compreender o conceito de leitura e os processos de leitura em Derrida, lendo-o a contrapelo. Por isso aplica em sua própria leitura o que vislumbra na leitura do outro, a realizada pelo filósofo francês, isto é, a “prática pessoal de Derrida como leitor rege-se por um código operativo, e uma das tarefas da leitura crítica da sua obra será a de encontrar e descrever o referido código com a maior minúcia possível” (SCHOLES, 1991, p. 92).

Como se evidencia acima, ler um filósofo não é menos complicado que ler uma obra de ficção. Se os protocolos de leitura são regras que se descobrem, elas não se sobrepõem ao texto num exercício “interpretativo fundamentalista”, como chega a dizer Scholes em seu livro, a leitura do ficcional; do mesmo modo acontece com a leitura do texto hipertextual, que, inclusive, exige do leitor o redesenho de suas estratégias e o desencastelar de velhos hábitos. A “enciclopédia”, na questão de Umberto Eco acima, que se pode dar à máquina é aquela proveniente de nossas experiências e de nossas práticas com o texto impresso. Aquela enciclopédia que muito provavelmente vai alimentar os bancos de dados e as lógicas programáveis do texto digital ou do hipertexto eletrônico, telemático. Alckmar dos Santos estabelece, dentro do que ele designa como “dicotomias ou reversibilidades” no processo de reformatação do impresso (o conceito pode também ser visto pela ótica das convergências de Jenkins), um caminho que dá a essa “enciclopédia” uma função de superação de condições de contorno postas pelo digital: a iteratividade e a interatividade na composição e na programação do banco de dados. Dá-se na ideia de conceber processos de geração de hipertextos nos quais a interação (homem-homem, homem-máquina, máquina-máquina) e das iterações velozes surjam nessa composição de uma grande biblioteca dinâmica e programável:

Assim seria possível imaginar a construção de um grande banco de dados - claro que não a infinda Biblioteca de Babel de Borges, mas tão grande que apenas as memórias dos computadores dariam conta desse jogo de interferências e das inferências. [...] num segundo nível de construção, o leitor poderia, então, usando ferramentas de busca motivada, ter disponíveis na tela os poemas rimbaudianos que fossem dotados de uma certa fisionomia predefinida, como uma dada forma (por exemplo, lipogramas causais, ou seja, poemas que não teriam em nenhum verso uma certa letra) (SANTOS, 2003, p. 125).

Percebe-se, nesse projeto, a escolha de um mapeamento ou de uma escrita, característica do hipertexto eletrônico e do telemático ressaltada por Alckmar dos Santos. O próprio autor inclui, como suplemento da obra crítica, o CD-ROM da criação hipertextual *Dos desconcertos da vida, filosoficamente considerada*, explicitando um projeto similar ao da citação acima, em

que o texto poético se submete ao desejo de buscas do leitor, conforme as instruções programadas. Após a abertura da “capa”, o leitor-interator defronta-se com uma página de sumário, que o convida a clicar nas palavras dentro de um grande bloco de texto, que repete exaustivamente “índice”, “tema” e “forma”, na horizontal e na vertical da tela. Quando o leitor clica sobre “índice”, abre-se uma nova tela, com um canto em tercetos decassílabos e, no estilo barroco, o verso encontra eco numa palavra que forma um segundo bloco textual e que interage na estrofe. Se o leitor-interator vai ao *link* de ajuda, recebe a instrução para selecionar a palavra clicando duas vezes sobre ela e, com o botão direito do *mouse*, escolhendo a busca. Essa busca faz com que esse leitor encontre correspondentes para uma “rima toante”, uma “rima consoante” ou com a “própria palavra”. Se o leitor interage voltando ao “sumário”, escolherá “temas”, abre-se uma segunda tela com a opção de cabeçalho “Formas” e “Temas”. Na vertical, esse leitor encontrará uma lista de 19 formas, como “Haicai”, “Soneto”, “Sextina”, “Rondel”, “Rondó”, etc. Ao clicar sobre cada uma delas, aparece um segundo bloco de texto com o poema no gênero poético desejado. O mesmo acontece com os temas, em torno de 20, e que podem ser, por exemplo: “Cena urbana, alguma”, “A casa em velório”, “Malhação do judas”, etc. Se o leitor escolhe um desses temas, o texto traz a seção do poema que tematiza o assunto desejado. Na barra de rolagem, ao lado direito, o leitor pode aceder ao conteúdo inteiro do poema, no gênero e/ou no tema escolhidos.

Este poema eletrônico constitui na sua arquitetura uma estrutura hipertextual relativamente simplificada, considerando outros projetos criativos do próprio autor, e no sistema de indexação e de buscas proposto, considerada a interatividade possível ao leitor-interator. Trata-se de um exercício textual que apresenta uma obra fora das características da linearidade e da sequencialidade dos textos; é múltipla no sentido que são diversos os subgêneros da poesia lírica que compõem o todo da obra, isto é, o seu aspecto formal, assim como sua abrangência temática. Pode ser pensada como um exercício que retoma o barroco enquanto forma, mas também, lembrando Affonso Ávila, como sintonia de uma sensibilidade que apresenta

o mesmo homem agônico, perplexo, dilemático, dilacerado entre a consciência de um mundo novo - ontem revelado pelas grandes navegações e as ideias do humanismo, hoje pela conquista do espaço e os avanços da técnica - e as peias de uma estrutura anacrônica que o aliena das novas evidências da realidade [...]” (ÁVILA, 1978, p. 16)

Há que se observar que, à maneira de Affonso Ávila e outros poetas da vanguarda literária, as criações digitais ou hipertextuais de Alekmar Luiz dos Santos constituem também uma forma do seu pensamento crítico ou do formador de leitores literários. No caso de *Dos desconcertos da vida, filosoficamente considerada*, o leitor imerge na obra, apreende não só o conteúdo ora lírico, satírico ou reflexivo do texto, como as suas transformações formais, testando limites do verso e da prosa poética, assim como dos gêneros literários como um todo. O leitor se entretém enquanto apreende o pensamento crítico e teórico em torno da obra. E os ensaios que compõem os capítulos dão à obra tanto uma feição livre e exploratória dos temas que a conformam, quanto, de uma maneira um tanto retórica, permite extrair premissas e conclusões que enfeixam o livro enquanto um pensamento argumentativo acerca de si mesmo como livro hipertextual (o volume impresso traz as marcas dos *hiperlinks*, o que demonstra que também foi pensado para se disponibilizar na rede, e não somente em pdf ou impressão). Das passagens e reflexões diversas, o autor desentranha da própria leitura do texto digital os problemas atinentes a essa forma da literatura em meio digital. E esses problemas dizem respeito tanto à produção, à recepção, quanto à crítica desse gênero de literatura, a partir dos quais o autor formula uma teoria do texto digital.

A leitura, tal como a enunciamos no início deste texto, ocupa um lugar central, já que, no espaço do cibertexto, o leitor também se lê, espelha-se nas tramas que emaranha ou tenta desemaranhar - estabeleço aqui um paralelo com o que ocorre num de seus últimos trabalhos criativos, em parceria com Wilton Azevedo, *O cosmonauta*, em que, depois de navegar pelas quatro dimensões propostas pela obra digital, a programação ativa a câmera do *notebook* e a imagem do leitor-interator se projeta dentro da obra, fazendo com que o leitor participe da epifania do final. Comparado com a obra encartada em *Leitura de nós, O cosmonauta* é uma obra mais complexa. Em primeiro lugar é um *software*-livro, que exige a instalação em *notebook* ou computador¹. A navegação é mais complexa, o leitor tem de interagir mais e descobrir o funcionamento dos textos na obra, enquanto há alguns momentos de passividade ou contemplação, como se estivéssemos num espetáculo teatral. Há o funcionamento simultâneo de textos, sons (ruídos, voz e música) e imagens, o que traz importantes discussões a respeito das temporalidades, as quais também se inserem nos intertextos promovidos pelos vários poemas e imagens que constituem a obra; ou naqueles mais complexos e estruturais, que dizem respeito às epifanias de Neil Armstrong e de Murilo

¹ O leitor interessado poderá acessar a obra disponível para Windows e Mac em: <<http://nupill.ufsc.br/nproducao/>>.

Mendes (o êxtase de sua conversão religiosa), em tempos e situações distintas. Navegando, o leitor pode optar pela simultaneidade do audiovisual, pelo imagético ou pelo verbal. Tem de compreender também a lógica dos quatro núcleos pelos quais deve passar, e descobrir como ler todos os poemas em cada um desses núcleos. Portanto, há uma leitura que deve ultrapassar as barreiras e protocolos do sistema, e há ainda a leitura de fruição em que o leitor irá imergir no grande espetáculo que constitui a obra performática. E, evidentemente, a fruição dependerá da curiosidade do leitor em explorar demoradamente a obra.

Não tecerei comentários maiores sobre as várias obras de criação de Alckmar dos Santos, mas afirmo que elas permitem também que leiamos a contrapelo os seus livros e artigos teórico-críticos sobre o terreno da ciberliteratura. Com elas, vamos testar os limites do literário e talvez questionar a literariedade, entender as relações entre o múltiplo e o plural, sair das armadilhas que cercam a relação real/virtual e, sobretudo, compreender as virtudes do excesso, como o autor o define: “transbordo de significantes e de significados, permitindo estabelecer significações coerentes e articuladas a um percurso de leituras dotado de coerência e de lógicas” (SANTOS, 2003, p. 114). E valorizar o excesso contra o excessivo, em que ocorre justamente o contrário, em que a leitura se inscreveria como o superficial e a deriva sem profundidade de um nó a outro na grande rede.

Enfim, para concluir, este breve percurso sobre a leitura nas convergências entre o impresso e o digital teve a finalidade de discutir as transformações do ato de ler, considerando ainda que ler nos faz pensar, em especial no livro digital, eletrônico e/ou telemático, no gesto constitutivo desse mesmo ato, isto é, ler como um pensar-criar. O excessivo promovido pelas TDICs (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação), pela *web* e uma série de dispositivos telemáticos pode-nos lançar, como nos diz Alckmar dos Santos em seus prolegômenos, num vazio niilista que nos entorpece ou, pior, que nos torna presas dos grandes conglomerados de mídia. Esse último aspecto pode mesmo assombrar o exercício profissional da crítica, como nos lembra Miriam Rasch, que tende a ser uma forma de superar o desgaste e de resgatar sua relevância no contexto da *web*, a ressignificação de seu papel e do seu *modus operandi*. Para ela, hoje, muitas pessoas

são agora críticos, fazendo crítica, o que significa que a qualificação da crítica de arte “profissional” começa a se desgastar. Tal como acontece em muitos campos que foram paralisados pela tecnologia digital, o campo da crítica de arte é ampliado para se incluir contribuintes semiprofissionais que muitas vezes trabalham de forma voluntária para um meio gratuito, ou por muito pequenas taxas, e frequentemente em

paralelo ao seu dia de trabalho regular. Com um campo profissional passando por tal mudança, os produtos que surgem deste campo também serão obrigados a modificações. A crítica não mais é obrigada a ter a forma e as mídias tradicionais. Assim, o cenário crítico se amplia, tanto no sentido de recursos humanos quanto de conteúdo. Muitos jovens aproveitam a oportunidade para escrever sobre a arte visual, literatura, cinema e música. Eles ficam online, porque este é o lugar para se começar imediatamente. (RASCH, 2017, p. 28)

O exemplo da autora holandesa nos reconecta ao que dissemos antes a partir de Henry Jenkins sobre a cultura de fãs. A crítica como terreno da leitura especializada se coloca mais fortemente em crise com a amplificação do digital e das múltiplas ferramentas de produção, que se tornam mais e mais acessíveis. O leitor se torna hábil para manipular as ferramentas de busca e *links*, cria seus espaços na rede e destrona o crítico tradicional. Em busca de exemplificar a necessidade de se pensar os *workflow* de publicações híbridas, a autora comenta o processo de elaboração de um ensaio seu, “Life after death”, sobre três romances e uma exposição, para a revista holandesa *De Gids*. Ela descreve o processo de elaboração do ensaio, antecedido por um debate em *podcasts* e pesquisas diversas de imagens de vídeo e fotografias. Mas lamenta que, naquele momento, em razão de a produção não haver se realizado dentro de uma lógica de *workflow* para publicações híbridas, não pode incluir elementos de áudio, vídeo e imagens fotográficas, junto com os mesmos *podcasts* que alimentaram o ensaio. Interessa-nos, nesse relato, o fato de que os leitores passam a intervir até mesmo nos processos de construção da crítica. Já não é mais uma dádiva do escritor ou do crítico, a exemplo do que descreve Umberto Eco em suas conferências-ensaios de *Seis passeios pelos bosques da ficção*, quando menciona as cartas e os comentários de seus leitores.

Há que se discutir a leitura e os seus protocolos para que possamos pensar valorativamente o excesso, e se possa filtrar o excessivo para o estabelecimento da leitura crítica, como queriam Scholes e Derrida, mesmo que ao final esses protocolos resultem dispensáveis.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Affonso. *O poeta e a consciência crítica*. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

AZEVEDO, W.; LOBO, Dalva S. & SANTOS, Alckmar L. dos. O cosmonauta, roteiros de uma criação. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 203-225, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2016v12n1p203>. Acesso em: 24 nov. 2019.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. Trad. Susana Alexandria. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

RASCH, Miriam. Para um conceito de crítica de arte híbrida. In: GOBIRA, Pablo; MUCELLI, Tadeus (orgs.). *Configurações do pós-digital*. Belo Horizonte: EDUEMG, 2017. p. 25-32. Disponível em: <http://labfront.weebly.com/livro-pos-digital.html>. Acesso em: 12 nov. 2019.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. Condições de contorno e embates da assim chamada poesia digital. *Texto Digital*. Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 73-79, 2004. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1280/989>. Acesso em: 24 nov. 2019.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. O cosmonauta. *Texto Digital*. Florianópolis, v.13, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2016v13n1p222>. Acesso em: 23 nov. 2019.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. *Dos desconcertos da vida, filosoficamente considerada* (obra digital em CD-ROM). In: SANTOS, A. L. dos. *Leitura de nós: ciberespaço e literatura*. São Paulo: Itáu Cultural, 2003.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. *Leitura de nós: ciberespaço e literatura*. São Paulo: Itáu Cultural, 2003 (Rumos Itáu Cultural, transmídia).

SCHOLES, Robert. *Protocolos de leitura*. Trad. Ligia Guterres. Lisboa: Edições 70, 1991.

NOTAS DE AUTORIA

Rogério Barbosa da Silva (rogeriobsilvacefet@gmail.com) Graduado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (1991), mestrado em Estudos Literários - Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais (1997) e doutorado em Estudos Literários - Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005). É professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais/Departamento de Linguagem e Tecnologia, e atua no PPG Sriocto Senu em Estudos de Linguagens e no Curso de Letras. Participa dos seguintes grupos de pesquisa: TECNOPOÉTICAS: Grupo de Pesquisa em Poéticas Telemáticas, Cibernéticas e Impressas e no grupo de estudos sobre literatura portuguesa contemporânea na UFMG. Interesse em pesquisas sobre interfaces entre literatura, tecnologia e hipermídia, poesia brasileira e portuguesas contemporâneas, visualidade e experimentalismos poéticos. Co-editou a revista ATO (de Belo Horizonte) e o Jornal Literário DEZFACES. Coordena o projeto: www.poemaps.org.

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

SILVA, Rogério Barbosa da. Este hipertexto eletrônico: a leitura e suas “condições de contorno” a partir de Leitura de nós, de Alckmar Luiz dos Santos. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 196-208, 2019.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 29/11/2019

Aprovado em: 02/12/2019